

Pelo Direito a Cidade: Experiência e Luta dos Ocupantes de Terra do Bairro D. Almir. Uberlândia (1990-2000). Rosângela Maria Silva Petuba. UEPG/ Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR.

Este trabalho aborda a constituição do atual Bairro D. Almir, na cidade de Uberlândia, fruto de dois processos de ocupação de trabalhadores sem teto, nos anos de 1990-1991.

O objeto trabalhado foi o significado da experiência humana vivida, percebida pela análise dos sujeitos, dos agentes do processo de ocupação de terras, de suas experiências, seus sonhos, histórias e projetos de vida desses ocupantes de terra e a maneira pela qual esta vivência contribuiu ou não para a reelaboração de seus valores influenciando no próprio fazer-se dessa cidade.

A pesquisa se centrou em depoimentos orais, jornais e outras documentações produzidas “no calor da hora” pelos próprios moradores e por outros atores sociais envolvidos no processo. A reflexão sobre a constituição do bairro serviu de eixo central num estudo que buscou problematizar o próprio fazer-se da cidade, abordando através da experiência e da memória dos trabalhadores sem teto a maneira pela qual ela se constrói em espaços e territórios múltiplos e complexos.

Os caminhos percorridos até a decisão de ocupar terras se constituíram em parte da problemática a ser desvendada. Eles são a história, o conjunto de trajetórias, o significado da experiência humana vivida e num determinado momento assumiram a conotação de um evento histórico porque se expressaram de forma coletiva no cenário social, ganhando visibilidade no fazer-se da cidade e às vezes colocando em movimento muitos outros sujeitos históricos coletivos ou individuais presentes no cenário urbano com seus sonhos, valores, afetos e significados da cidade.

Ao trazer à tona os muitos caminhos trilhados por esses homens e mulheres na cidade sob o ponto de vista do emprego, do estudo, da saúde, do transporte, etc, foi possível perceber a maneira pela qual a moradia foi se tornando um problema e a ocupação de terras uma alternativa.

A partir daí pudemos problematizar várias questões como a noção da propriedade da terra, os valores sobre família, educação, saúde enfim, as expectativas sobre o viver e morar na cidade.

No estudo do processo de ocupação evidenciaram-se também as várias relações tecidas pelos os moradores entre si, com o poder público, a Igreja, a polícia e diversos outros setores sociais.

No bojo desses relacionamentos construídos a partir das demandas políticas e das necessidades concretas do cotidiano, criou-se uma gama de articulações colocando em evidência o teor complexo das relações estabelecidas no interior do movimento, onde os trabalhadores foram construindo um aprendizado político intermeado por momentos de autonomia, posturas críticas, resistentes e inovadoras e momentos marcados pela dependência, clientelismo, paternalismo e cooptação, o que nos possibilitou compreender com maior clareza o caráter descontínuo e não linear da formação da consciência de classe trabalhadora.

Outra possibilidade foi pensar a questão da luta pela posse da terra urbana construindo uma análise que se referenciou na realidade e na politização dos lugares da moradia, do trabalho, enfim do cotidiano dos trabalhadores envolvidos e nas relações estabelecidas ao longo dessa luta com os demais atores sociais do processo.

A cidade que emergiu da fala dos entrevistados não surgiu pronta, mas foi se constituindo a partir das próprias lembranças da vida na roça, do morar pagando aluguel, do morar de favor com os parentes, da vida na ocupação, das dificuldades vividas no bairro, das experiências e dos valores adquiridos ou reelaborados a partir do aprendizado político adquirido na luta e na vida. Esses valores expressos na fala dos moradores ocupantes de terra do bairro D. Almir aclararam parte do universo de expectativas, sonhos e anseios do que é morar e ter direito a viver na cidade.

Assim percebemos que estes homens e mulheres ao trilharem os muitos caminhos da vida urbana deixaram suas marcas e suas impressões em locais, muitas vezes, ainda invisíveis ao nosso olhar.

Na luta cotidiana pela posse legal dos lotes, pela implantação da infra-estrutura e dos equipamentos sociais básicos subjaz uma luta de valores, onde o que está em disputa é fundamentalmente o direito à cidade e a tudo o que ela representa em termos de conforto e perspectiva de vida para esses trabalhadores que se puseram em movimento, pois é na banalidade das ações que julgamos aparentemente normais e cotidianas que surge a complexidade e a resistência para o historiador.

No desvendamento da dinâmica diária do bairro se delinearão os conflitos, as visões, os afetos e os valores que colocam, á claro, a existência de modos de vida geradores de práticas que ora se complementam, ora se chocam e se contrapõem a outras embasadas no discurso hegemônico da cidade do progresso e da modernidade e que busca produzir a invisibilidade social da pobreza e da exclusão urbana.

No decorrer do processo muitos nomes foram dados a esses trabalhadores: migrantes, sem-tetos, favelados, vadios, vagabundos, ocupantes, invasores... Talvez para esses homens e mulheres mergulhados em situações que envolviam sua própria subsistência e a garantia de seus direitos mínimos na cidade, fizesse muito pouca diferença se estavam ocupando ou invadindo terras. Entretanto, suas práticas mudaram o cenário da cidade não porque eles tivessem isso como meta definida, pois embora esse fosse um discurso corrente - visto que havíamos saído do processo constituinte de 1988 - eles não eram militantes da reforma urbana, mas suscitaram a discussão sobre a miséria e a opulência na cidade, remexeram a velha ferida do uso e da posse da terra urbana e colocaram de forma prática, concreta e contundente, a velha pergunta para aqueles que ainda se dispõem a ouvir: “Prá quem a cidade é feita?”.

Para finalizar, quero deixar claro que este trabalho faz parte de um esforço coletivo de de vários pesquisadores que vêm colaborando na construção de uma reflexão teórico-metodológica que problematize a cidade também como a somatória das trajetórias de vida e de luta daqueles a quem os que se julgam detentores do processo da urbanização brasileira buscaram suprimir, silenciar e segregar às periferias da cidade e da história. Pois nós, como muitos dos trabalhadores e trabalhadoras que um dia se dispuseram a ocupar terras em nome de sua própria dignidade, acreditamos que não há nada mais triste do que um tempo sem esperança e vivido na omissão.